

SOME
Social Meeting
Scientific Journal
Scientific editor: Dr. Evandro Prestes Guerreiro

N°02 / JULHO - 2021



ANO 2 / VOLUME 2

SÃO PAULO - BRASIL

ISBN 978-65-991619-0-2 . ORCID ID: 0000-0001-5061-8755.



FICHA TÉCNICA

Conselho Científico



Argentina

Mag. Felix Luciano Bustos (Universidad Nacional del Comahue - Ciências Sociais)

Dr^a. Margott Gladys Flores (Universidad Nacional de la Rioja Centro de Investigación y Innovación Tecnológica)

Dr. Miguel E. V. Trotta (Universidad Nacional de Lanús Departamento de Ciencia Política)

Social Meeting Scientific Journal
ISBN 978-65-991619-0-2
ORCID id: 0000-0001-5061-8755
e-mail: contato@socialmeeting.info
Homepage: www.esocialbrasil.periodikos.com.br
www.socialmeeting.info

Rua México, 156 - 121
Guarujá-SP/ Brasil
CEP. 11410-350

Brasil

Dr^a. Cely de Oliveira (Universidade de São Paulo - Ciências da Saúde)
Dr^a. Thalita Lacerda Nobre (Universidade Católica de Santos - Ciências Humanas)
Dr^a. Giselle Silva Soares (Centro Universitário São Judas Tadeu - Ciências Humanas)
Dr^a. Olivia Cristina Perez (Universidade Federal do Piauí - Ciências Humanas)
Dr^a. Eva Cristina de Carvalho Souza Mendes (Universidade Paulista - Ciências Humanas)
Dr. José Alberto Yemal (Instituto Paulista de Excelência da Gestão - Ciências Sociais Aplicadas)
Dr. José de França Bueno (Universidade Paulista - Ciências Exatas)
Dr. Jorge Monteiro Junior (Faculdade de Tecnologia Rubens Lara - Ciências Econômicas).
Dr. Júlio Cesar Raymundo (Faculdade de Tecnologia Rubens Lara - Ciências Sociais Aplicadas).
Dr. Luiz Guilherme da Costa Wagner Junior (Universidade Presbiteriana Mackenzie - Ciências Sociais Aplicadas)
Dr. Marcos de Oliveira Moraes (Estácio São Paulo - Ciências Sociais Aplicadas).

Ano 2 - Volume 2
Nº 2 - Julho 2021
Edição Especial

Editor-Chefe

Dr. Evandro Prestes Guerreiro (Brasil)

Editor-Adjunto

Mag. Félix Luciano Bustos (Argentina)

Revisão Editorial

Thaynna V. dos Santos de Oliveira (Brasil)
Mauro Agustín Rodríguez (Argentina)

Publicada por



eSocial Brasil - todos os direitos reservados. Capa, imagens e designe produzidos com recursos digitais do canva.

SOMESJ - Social Meeting Scientific Journal - Revista multidisciplinar internacional publicada pela eSocial Brasil, em formato digital (ISBN 978-65-991619-0-2).

SUMÁRIO

- 04** Editorial: Educação Remota
Por: Evandro Prestes Guerreiro
- 07** El caso del "CEAER"- Argentina
Por: María Inés Garcia e Félix Luciano Bustos
- 25** Una propuesta de investigación Acción Participante
Por: Ariel Roberto Bernatene
- 38** Estrategias Didácticas en el Nivel Superior en
Pandemia y Pos Pandemia
Por: Margott Flores Fuentes
- 44** Aspectos psicológicos acerca do suicídio e o
fenômeno da pandemia.
Por: Thalita Lacerda Nobre.



- 54** Mineração de Texto e Redes Sociais: A
COVID-19 no Twitter.
Por: José de França Bueno.

Análise de riscos no terminal de cruzeiros
do Porto de Santos em período de
pandemia da COVID19.

- 68** Por: Felipe Scarpelli Andrade
Júlio Cesar Raymundo
Daniel Alves dos Santos
Matheus de Oliveira Paixão

Ensaio políticos

- 83** A morte do Messiah - ato I: Nietzsche -
Deus (não) é brasileiro.
Por: Evandro Prestes Guerreiro.

SOCIAL MEETING SCIENTIFIC JOURNAL

VOLUME 2 . ANO 2 . Nº 02 . SÃO PAULO, BRASIL . JULHO 2021

ASPECTOS PSICOLÓGICOS ACERCA DO SUICÍDIO E O FENÔMENO DA PANDEMIA

DR^a THALITA LACERDA NOBRE
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS - BRASIL

ASPECTOS PSICOLÓGICOS ACERCA DO SUICÍDIO E O FENÔMENO DA PANDEMIA

POR: DR^a THALITA LACERDA NOBRE.

Resumo

O presente ensaio objetiva discutir acerca do suicídio em correlação ao fenômeno da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). Alguns aspectos importantes à temática são trabalhados, como a correlação entre suicídio e depressão, a ideia de contaminação do depressivo por um sentimento “oceânico” conforme proposta da psicanálise freudiana, entre outros aspectos da constituição do sujeito. Do ponto de vista do discurso social e cultural, que influencia diretamente na identidade do sujeito, apresenta-se para a discussão alguns aspectos como a noção de “vida para o consumo” e “sociedade do cansaço”. Ao final, a autora apresenta algumas considerações possíveis para o auxílio ao sujeito que pensa em suicídio.

Palavras Chaves: Suicídio; Pandemia; Saúde mental.

Abstract

This essay aims to discuss suicide in relation to the pandemic phenomenon of the new coronavirus (COVID-19). Some important aspects of the theme are dealt with, such as the correlation between suicide and depression, the idea of contamination of the depressive by an “oceanic” feeling as proposed by Freudian psychoanalysis, among other aspects of the subject's constitution. From the point of view of social and cultural discourse, which directly influences the subject's identity, some aspects are presented for discussion, such as the notion of “life for consumption” and “tired society”. In the end, the author presents some possible considerations to help the subject who thinks about suicide.

Keywords: Suicide; Pandemic; Mental health.

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo discutir acerca de alguns pontos que se relacionam à ideação suicida e ao ato do suicídio em um sujeito. Sendo assim, passaremos brevemente pelas questões individuais que se relacionam à temática, em seguida, discutiremos acerca do fenômeno da pandemia como um catalizador para decisões drásticas tomadas pelos indivíduos e ao final, apresentaremos algumas discussões que podem auxiliar no enfrentamento do movimento de suicídio.

Para iniciar a discussão, a palavra suicídio é formada com origem no latim – sui (si mesmo) e caederes (ação de matar), o que confere o significado de uma ação que se realiza voltada para si. Nesse sentido, é interessante pensar que o vocábulo contém um movimento dado pela ação, porém, voltado para o próprio sujeito que se movimenta para a ação.

Também é interessante ressaltar que o movimento de terminar com a própria vida é considerado um tabu em todas as sociedades civilizadas, criando alguns entraves para ser falado e discutido, pois é contrário à manutenção da espécie humana. Esse movimento voltado para si, se fosse realizado por todos os indivíduos exterminaria com a humanidade.

É possível considerar, também, que o suicídio e o sujeito suicida caminham em direção oposta à manutenção da vida, à criação de sentido, à busca de superação e, por isso, à civilização.

Ao discutir sobre a técnica da Psicanálise, Freud comenta sobre o suicídio o seguinte:

Existem alguns neuróticos em quem, a julgar por todas as suas reações, o instinto de autopreservação na realidade foi invertido. Eles parecem visar a nada mais que à autolesão e à autodestruição. É possível também que as pessoas que, de fato, terminam por cometer suicídio pertençam a esse grupo (FREUD, 1938/1996, p. 194).

Essa postulação freudiana demonstra o caráter da inversão dos impulsos. Um organismo, em geral, busca a preservação e evolução da vida, não o movimento contrário. A autolesão e autodestruição se situariam em movimento contrário a isso.

Por se tratar de um tabu, esse movimento contrário realizado pelo sujeito suicida é rechaçado socialmente. Nesse sentido, o suicida é pensado como um covarde, como aquele que não adquiriu coragem suficiente para encarar as situações apresentadas pela vida e, por não possuir essa característica de enfrentamento, merece ser excluído do convívio social. Note-se que aqui estamos nos referindo a quem tem pensamentos suicidas ou a quem tenta, sem êxito se suicidar.

Em algumas situações pode-se ouvir em nossa cultura ocidental, opiniões com relação à essa ausência de coragem, expressas em falas como: “nem para se matar direito o indivíduo serve” ou “quem quer se matar, se mata logo, não fica anunciando aos outros”, entre outras expressões que nos leva a pensar nesse rechaço social destinado ao sujeito que não corresponde ao movimento de enfrentamento da vida.

Do ponto de vista da religião cristã, um dos 10 mandamentos encontra-se com a recomendação “Não matarás”, uma vez que a Deus pertence a vida dos indivíduos. Nesse sentido, o sujeito que comete suicídio torna-se um pecador, porque se sobrepôs à vontade divina. Não cumpriu o mandamento e matando a si mesmo, matou alguém.

Acerca do fenômeno subjetivo do suicídio, o psicólogo Nilson Netto faz um apanhado histórico escrevendo que a partir de Santo Agostinho, no século V, “...a morte de si passa a ter uma conotação pecaminosa. Posteriormente, ainda na Idade Média, passa a ser compreendida como crime, porque lesava os interesses da Coroa: aqueles que se matavam tinham seus bens confiscados pela Coroa, em detrimento de suas famílias, e os cadáveres eram penalizados” (NETTO, 2013, p. 15).

Com essa citação notamos que a Igreja como instituição de poder político e religioso legislou, durante a idade média sobre o suicídio não apenas com a ideia de que se tratava de um ato contrário aos desígnios divinos, mas também como algo que poderia levar à penalização de toda a família, uma vez que se eram confiscados os bens. Assim, a “maldição” da atitude suicida pairava não somente pelo corpo morto do sujeito, mas também pelos familiares que continuavam vivos.

Netto (2013) complementa que com o avançar da história ocorre, ao final da idade média, a cisão entre a Coroa e a Igreja, sendo assim, “...o poder médico passa a ocupar um lugar privilegiado no controle da sociedade, de maneira que, a partir de então, são os “médicos” que definem a negatividade da

morte voluntária, deslocando o fenômeno do pecado à patologia e qualificando-o como loucura” (NETTO, 2013, p. 15).

É possível pensar que esse deslocamento da concepção de pecado para o de loucura oferece ao suicida um espaço social tão excludente quanto ao que já era oferecido anteriormente, porém, uma vez que se observa o fenômeno a partir da concepção de loucura, são criadas instituições totais a fim de garantir um certo controle sobre a doença. Os suicidas passam a ser internados nas mesmas instituições que todos os outros que se desviam das condutas sociais normais.

Foucault, em “A história da loucura”, faz uma crítica sobre o movimento de criação das instituições que cercou os ditos loucos dentro dos mesmos muros. Em suas palavras, a partir do século XVII, o que se observa é que “esse século misturou as linhas de um rosto que já se havia individualizado há séculos” (FOUCAULT, 2008, p.121). E nesse sentido, o fenômeno do suicídio passa a ser alimentado como necessário de exclusão.

Ao longo dos séculos da era moderna e pós moderna, observou-se que a forma de concepção desse fenômeno caminhou muito pouco. Com a ampliação do capitalismo e ascensão da indústria farmacêutica, a temática passa a ser discutida como resultado de um desajuste neuroquímico. A depressão, a psicose ou outra patologia que levam ao suicídio passam a ser vistas como resultado de uma patologia orgânica, na qual o indivíduo não tem controle ou qualquer possibilidade de atuação.

Divergindo da lógica exclusivamente organicista, ou melhor dizendo, exclusivamente cerebral, a Psicanálise surge no final do século XIX, com a proposição de escuta do sofrimento e de construção de uma história de passado, presente e futuro por cada sujeito.

A Psicanálise e a compreensão do suicídio

Do ponto de vista da Psicanálise, Lacan analisa que movimento pode ser entendido como forma de “passagem ao ato”, já que nesse caso ocorre “[...] a identificação absoluta do sujeito com o a ao qual ele se reduz” e também ocorre “[...] o confronto do desejo com a lei” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 125). Nesse sentido, podemos compreender que na atividade do suicídio o sujeito se identifica com o objeto a, grosso modo, o objeto perdido no momento inicial da satisfação que instaura o desejo. Uma vez identificado com esse objeto, que na realidade não poderia se cumprir, não há mais existência do sujeito. Com relação ao confronto do desejo com a lei, também é possível considerar que não sobraria mais espaço para a existência do sujeito, opera-se, então sua suspensão. Desse modo, também se pode observar que haveria momentos, ao longo da história pulsional e identificatória dos sujeitos que se operariam movimentos em que, no campo pessoal e social, os referenciais identificatórios oscilam. Em outras palavras, há momentos em que somos confrontados com a obrigação de abandonar um lugar que ocupávamos, trazendo mudanças na vida. Isso ocorre com a passagem do tempo, quando o adolescente, por exemplo, adentra a fase adulta ou o adulto percebe seu processo de envelhecimento e vivencia a aposentadoria.

Nesses dois momentos citados anteriormente, observa-se que urge ocorrer um reajuste na identidade do sujeito e no papel social conferido a ele. O discurso social tem grande importância na alimentação do narcisismo, necessitamos de reconhecimento.

Isso demonstra que nos momentos de crise individual e social, o suicídio pode ser visto como única saída para o sofrimento. De acordo com material publicado no site da Organização Panamericana de Saúde (OPAS), órgão ligado à Organização Mundial de Saúde (OMS):

Embora a relação entre distúrbios suicidas e mentais (em particular, depressão e abuso de álcool) esteja bem estabelecida em países de alta renda, vários suicídios ocorrem de forma impulsiva em momento de crise, com um colapso na capacidade de lidar com os estresses da vida – tais como problemas financeiros, término de relacionamento ou dores crônicas e doenças (OPAS, 2018).

Essa informação citada anteriormente corrobora com a ideia de que diante das mudanças significativas da história de vida, os sujeitos se sentem confrontados com a ideia de não pertencerem mais a um lugar que acreditava. E isso, para algumas pessoas, pode ser o estopim para o sofrimento. Diante da impossibilidade de se perceber e buscar outras situações que possa investir, a única saída encontrada passa a ser por fim à vida. Se viver corresponde única e exclusivamente a sofrer, a lógica que passa a existir é a de que subtraindo a vida, se anula o sofrimento.

É importante ressaltar que o suicídio não é cometido apenas por quem tem depressão, várias outras estruturas psíquicas podem levar à tal ato, seja, por exemplo em uma morte acidental, realizada por um neurótico que não calcula o risco em determinada situação seja em um esquizofrênico que tem alucinações auditivas que ordenam sua morte ou ainda um melancólico que passa a ver no planejamento de sua morte o único significado de estar vivo.

Freud inicia o famoso texto “O Mal estar na civilização” (1929/1996), discutindo sobre um sentimento que pode definir uma sensação de “eternidade”, designado como sentimento “oceânico”, em que o sujeito experimenta a sensação de ser ilimitado, sem fronteiras. Uma interpretação possível a esse sentimento é o de que se assemelharia à morte. E a própria morte é um “sentimento oceânico”, em que a limitação do Eu já não tem sentido, não há diferenciação do outro.

A vida, por um outro lado, convida à experiência do sentimento da diferença, da separação do outro. Essa separação, necessariamente, pode remeter ao sofrimento, uma vez que provoca a sensação de incompletude. Diante desse sentimento, de limitação, o sujeito experimentará maior ou menor grau de angústia, dependendo de como o sujeito está escutando a existência dele, qual sentido está conseguindo oferecer à vida e à morte.

É possível interpretar, a partir da ideia proposta por Freud sobre o sentimento oceânico que na ideia suicida, o sujeito começa a vivenciar um certo “saudosismo” sobre esse sentimento.

É um sentimento primitivo de indiferenciação que passa a ser cultivado pelo suicida. Ele começa a flertar com a hipótese de ter um funeral, de imaginar que todos sentem falta dele. Paradoxalmente, ele se torna juiz da própria vida visando esse sentimento oceânico permanente. A lógica que cria é a de que a morte seria o único caminho para a experiência fundamental de não limitação do corpo.

A sociedade de performance e o suicídio

É possível considerar que as sociedades industrializadas ocidentais têm se organizado em torno de altas exigências de performance. O filósofo Zygmunt Bauman, ao escrever o livro “Vida para o consumo” alerta para a lógica mercadológica que influencia na subjetividade dos sujeitos. A performance está contida na lógica de tempo imediato e suas consequências seriam a tendência à avaliação e a pouca valorização da interiorização.

A desvalorização da interiorização pode levar os sujeitos ao afastamento de seus desejos, o que gera uma reação cíclica de dependência de objetos que tragam satisfações rápidas e superficiais. Diante da grande oferta de objetos para satisfação rápida, o sujeito pode vir a desenvolver o sentimento de ansiedade, uma vez que nada o limita, apenas o convida para o consumo mais e mais.

Em consequência do sentimento de ansiedade está o sentimento de depressão, quando o sujeito sente esgotar sua energia de busca aos objetos de satisfação.

Há uma tendência, inicial, de voltar o sentimento de fracasso pós ansiedade a si mesmo, o que leva à depressão.

Porém, de acordo com a lógica da vida para o consumo, não há espaço e tempo para vivenciar a perda. Tal vivência, que é negada ao sujeito, possibilitaria o desenvolvimento de recursos internos necessários à transformação e elaboração do vivido. É evidente que as causas da depressão também se relacionam à constituição do sujeito e a caracteres genéticos, porém, o que pretendo discutir é que o modo como as sociedades para o consumo tem se organizado, facilitam a instauração de conteúdos depressivos nos indivíduos.

A superficialidade das relações e a constante corrida para a manutenção da cadeia produtiva leva a escassez de tempo para a experiência. Nesse sentido, o filósofo coreano Byung chul han, no livro *Sociedade do cansaço* (2010), compreende o discurso social da pós modernidade seria uma evolução da sociedade disciplinar descrita por Foucault. A coerção não viria mais dos censores externos, mas já estaria internalizada. Os discursos motivacionais e a ideia do *yes, we can*, traduzem o que o autor definiu como “violência neuronal”, em que o discurso aceito pelo sujeito leva-o a acreditar que para ser um “vencedor” precisa ser produtivo durante todo o tempo e doar também seu tempo à essa busca, o que levaria ao cansaço. Nesse sentido, a ênfase social é de valorização do sujeito maníaco e eficiente, que muito produz e não reconhece limites. Por outro lado, o depressivo é visto como improdutivo, atrapalha o discurso das possibilidades infinitas e por isso, merece ser lançado para fora da convivência social.

Um outro ponto a considerar sobre isso, é que os sujeitos depressivos, em muitos casos, são aqueles que sucumbiram diante do discurso maníaco de produtividade e consumo. A avaliação constante e a imagem de perfeição, que nunca é alcançada, leva a ansiedade e consequentemente à depressão.

A propósito da pandemia

A instalação da pandemia do novo coronavírus (COVID-19) abalou a população mundial em seu modo de viver e relacionar-se. Abalos sociais, econômicos, científicos, além de impactos sobre o meio ambiente podem ser citados como consequência do espalhamento do vírus e readequação da vida humana cotidiana.

Pode-se dizer, com isso, que os sujeitos, em geral foram confrontados com o sentimento de frustração. A continuidade dos planos de vida, que incluíam segurança e estabilidade no trabalho e nas relações foi abalada. Muitos foram demitidos, tiveram viagens canceladas, tiveram que reorganizar as rotinas para ficar em casa e, em muitos casos, também trabalhar, estudar e ajudar os filhos nos estudos dentro de casa. Outros, também, tiveram que trabalhar diretamente com o risco do desconhecido vírus, como o caso dos profissionais de saúde e outros serviços de primeira necessidade.

Pode-se afirmar que o cenário relatado anteriormente tenha sido um grande catalisador para o sentimento de frustração, que de acordo com a psicanálise freudiana, se associa à castração.

Sobre esse conceito, encontro na definição da psicanalista Piera Aulagnier uma grande clareza. Em suas palavras, a castração é: “[...] a descoberta, no registro identificatório, de que não ocupamos jamais o lugar que acreditávamos nosso e que inversamente já estávamos destinados a ocupar um lugar no qual não poderíamos ainda encontrar-nos” (1979, p. 185).

A partir da definição apresentada anteriormente, pode-se correlacionar a experiência da pandemia como um movimento de castração em que se exigiu, obrigatoriamente, que os sujeitos vivessem o corte, a perda, a separação e o desapego de ideias, pessoas e pensamentos que tinham anteriormente a esse fenômeno. É interessante ressaltar, com isso, que cada sujeito, com sua estrutura psíquica singular oferece um sentido único à experiência de castração, o estado de indefinição vivido na pandemia leva às defesas que podem ser ansiosas, maníacas ou depressivas configuradas de modo diferente para cada um.

Também, pode-se destacar que a cada experiência de castração, o sujeito se sente abalado quanto a sua própria imagem e identidade (pessoal e social), por isso, nessas situações o risco de cometimento de suicídio é maior. O sujeito, ao não se reconhecer como era antes, vive uma ansiedade intensa que, em casos severos, pode ser levado a pensar que precisa apagar, literalmente sua imagem e sua vida. Por isso, também se pode afirmar que o risco para o suicídio aumenta durante a transição entre a mania e a ansiedade. Porque quando se está tomado pelo afeto da mania, há a ênfase na voracidade diante das situações. O desejo é colocado na realidade com pouco ou sem filtro e sem ansiedade ou angústia.

Em situações que o indivíduo é confrontado com os afetos de ansiedade e angústia, a realidade se impõe e o sujeito se deprime.

A partir desse cenário, a seguir serão comentados alguns pontos acerca dos modos de lidar com o desejo de morte e a depressão nesse cenário de pandemia e em outros contextos.

Considerações finais: como podemos ajudar?

É interessante considerar que diante de situações extremas que envolvem tentativa ou execução de suicídio, todos os familiares e amigos que estão à volta tendem a sentir-se impotentes porque não conseguem evitar o fato ou observarem o sujeito impermeável às falas alheias. O sentimento de impotência e frustração se exacerba diante da percepção de que pouquíssimo ou nada se tem a fazer.

Assim, a ajuda, muitas vezes vem em momento atrasado ou pode ser inútil em casos mais graves, em que o sujeito já se enxerga sem imagem. O sentimento oceânico, conforme foi citado no início desse trabalho, vai contaminando o psiquismo do sujeito e, ele, sem conseguir lançar mão de defesas adequadas, sucumbe. Porém, quando ainda há o que fazer, quando o suicídio está no campo inicial das ideias, é recomendável que se procure escutá-lo, uma vez que a palavra conecta à vida. Quem ainda está falando sobre algo, está sentindo e pensando sobre o que fala.

A nomeação dos afetos por meio do diálogo com alguém confiável pode auxiliar na motivação para que o sujeito passe a ter paciência para se escutar, tenha o mínimo de consideração de que vale a pena refletir sobre o que está acontecendo consigo. Quem comete suicídio desistiu de ter dúvidas e refletir sobre elas.

Um outro ponto importante para os momentos de maior dramaticidade da vida é a consideração de que o percurso contém a maior sorte de improbabilidades. A ideia de que a vida é a arte do improvável pode permitir um relaxamento quanto à exigências pessoais de planejar os acontecimentos buscando apenas uma saída. Há outras saídas, talvez não tão boas e desejáveis quanto o plano “A”, mas talvez também sejam saídas possíveis.

Essa ideia de outras saídas para as situações também permite a associar à ideia de investimento de energia psíquica em outros projetos da vida. Há diversos setores da vida e diversos planos que podem ser cultivados. Se o sujeito investe somente em um setor ou se faz planos muito rígidos para os diversos setores, pode-se aumentar a sensação de que “está tudo dando errado”.

Nessa linha de raciocínio, também pode-se considerar a ideia da impermanência do percurso da vida. A constatação de que nada é definitivo e nada é constante pode auxiliar o sujeito que está afetado pelo pensamento de morte a encarar a vida como algo imperfeito, cheio de nuances, dúvidas, encontros e desencontros. A pandemia ou qualquer outro fenômeno também não são definitivos. A constatação de que planos podem ser construídos,

desconstruídos e reconstruídos pode ser instigante para o movimento corajoso de propor-se a construir. A construção de novos planos engaja o sujeito a vida, liga a propósitos. Possuir diversos propósitos expande o sujeito, o que facilita conectá-lo a vida.

Por fim, diante do sentimento oceânico que pode tentar se instalar, levando o sujeito a um saudosismo de uma fase primitiva em que não havia angústia, mas também não havia vida, nadar pode ser uma boa recomendação. Isso se traduziria na importância de buscar ajuda profissional e na tentativa de compreender o que perdeu. Uma vez identificado o objeto da perda, buscar trabalhar o desapego e a amplitude de novos objetos para se conectar.

Referências

- AULAGNIER, P. A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- BAUMAN, Z. Vida para o consumo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BRUNHARI, M. V. Não te matarás: suicídio, prevenção e psicanálise. Estudos psicanalíticos. Belo Horizonte, n. 34, p. 63-70, dez. 2010.
- FOUCAULT, Michel. História da loucura na Idade Clássica. São Paulo: Perspectiva. 2008.
- FREUD, S. Luto e melancolia (1915/1917). ESB. Vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- FREUD, S. O mal estar na civilização (1930[1929]). ESB. Vol. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- HAN, B. C. Sociedade do cansaço. Petrópolis: Vozes, 2015.
- LACAN, J. (1962-1963). O seminário, livro 10: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- NETTO, N. B. Suicídio: uma questão de saúde pública e um desafio para a psicologia clínica. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. O Suicídio e os Desafios para a Psicologia. Brasília: CFP, 2013.
- ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE. Folha informativa - suicídio, 2018. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839. Acesso em 19 set 2020.



SOME

Social Meeting

Scientific Journal

Scientific editor: Dr. Evandro Prestes Guerreiro



[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à ©eSocial Brasil

Rua México, 156 - 121

Pitangueiras - Guarujá SP - 11410-350

+55 (13) 3329-1548

www.socialmeeting.info

contato@socialmeeting.info